

Brasil não quer ser o líder dos devedores

Na reunião do Grupo de Cartagena, segundo o chanceler Setúbal, vai apenas se somar à reclamação geral contra os altos juros da dívida.



O ministro das Relações Exteriores, Olavo Setúbal, afirmou ontem, que o objetivo principal da reunião do Consenso de Cartagena, segunda e terça-feira próximas, em Montevideu é buscar uma posição comum bastante clara para os principais problemas que afligem os 11 países latino-americanos componentes do grupo: a dívida externa global da região, hoje de US\$ 360 bilhões; as taxas de juros e, particularmente, a queda dos preços das matérias-primas, principal item de exportação dos países do Terceiro Mundo.

Setúbal destacou a importância da redução das cotações do petróleo, produto responsável por 70% das exportações do México e Venezuela, também grandes devedores do grupo. Afirmou, ainda, que os países desenvolvidos devem perceber que os em desenvolvimento não podem continuar a transferir recursos financeiros para o Exterior e, ao mesmo tempo, diminuir suas receitas de exportação. Citando números divulgados pelo ministro das Relações Exteriores do Uruguai, Enrique Iglesias, Setúbal afirmou que o Terceiro Mundo perdeu, este ano, com a redução de preços das matérias-primas, US\$ 65 bilhões.

O ministro das Relações Exteriores não quis adiantar quais as linhas de atuação da delegação brasileira, que foram discutidas ontem entre ele, o ministro da Fazenda, e o presidente da República. Destacou, no entanto, que o Brasil não pretende ocupar posições de liderança ou hegemonia, embora "nada de peso

possa ser feito sem a presença brasileira, responsável por 40% da economia da região".

Setúbal negou que a reunião da próxima semana seja preparatória para uma futura conferência de chefes de Estado, como havia sido proposto pelo presidente peruano, Alan García, e para a qual o Panamá já se ofereceu para ser sede. Um encontro desse nível, afirmou Setúbal, só pode realizar-se após definição concreta de uma agenda e unidade de pensamento em torno das linhas básicas. "Fora disso, seria um encontro meramente discursivo", disse.

A reunião do grupo de Cartagena ganha importância, segundo Setúbal, na medida em que é a primeira reunião oficial após a posse de Sarney e do próprio García, paralelamente à melhor definição das situações políticas dos diversos países-membros. Além disso, o encontro de Montevideu ocorre após a divulgação do Plano Baker, das reuniões do Fundo Monetário Internacional e Banco Mundial, em Seul, e do Sistema Econômico Latino-Americano (Sela).

Comércio com a URSS

O Brasil deve tentar intensificar as relações comerciais com a União Soviética, mas "nunca chegaremos a um nível de comércio com o Leste europeu igual ao com os parceiros mais tradicionais", disse ainda o ministro das Relações Exteriores.

Segundo Setúbal, o principal

fator de limitação do relacionamento é que o Brasil não tem muito o que importar do Leste europeu, enquanto as importações soviéticas, por exemplo, "como em todo país de economia planejada", explicou, não são decididas segundo o critério de melhor preço e melhor qualidade, mas através do plano quinquenal.

"Esté é o motivo pelo qual muitos empresários viajam a Moscou para tentar fazer negócios e voltam trazendo no bolso apenas caviar russo", brincou o ministro, em sua primeira entrevista após o retorno da União Soviética e da Assembléia Geral da OEA, anteontem. Apesar de suas palavras, Setúbal não se mostrou pessimista com as possibilidades de incremento comercial com a URSS. Contou que durante seus encontros com o presidente Andrei Gromiko e com o chanceler Eduard Shevardnadze não se tocou uma única vez em negócios.

Entretanto, abriram um caminho político para que as duas chancelarias acertem, em grupos de trabalhos subsequentes, formas de o governo soviético planejar a compra de mercadorias, bens ou serviços brasileiros. Para ele, esta é a melhor forma de o governo abrir um caminho para que os empresários brasileiros tentem, nos próximos anos, entrar no mercado soviético. O mesmo princípio de estreitamento político das relações bilaterais deve passar também a ser tentado, a partir de agora, por todas as demais embaixadas brasileiras nos países do Leste europeu.